

DE UM CASARÃO DO OUTRO MUNDO

Muitas vezes pensei que outras fossem as surpresas que aguardassem um morto, depois de entregar á terra os seus despojos.

Como um menino que vai pela primeira vez a uma feira de amostras, imaginava o conhecido chaveiro dos grandes palacios celestiais. Via S. Pedro de mãos enclavilhadas debaixo do queixo, olhos de tartaruga, como os de Nilo Peçanha, assestados no nariz, percorrendo com as suas vistas sonolentas e cansadas os estudos tecnicos, os relatorios, os mapas e livros imensos enunciadores do movimento das almas que regressavam da Terra, como um amanuense destacado de secretaria. Presumia-o um velhote bem conservado, igual aos senadores do tempo da monarquia no Brasil, cofiando os seus longos bigodes e os fios grisalhos da sua barba respeitavel. Talvez que o bom do apostolo, desentulhando o baú de suas memorias, me contasse algo de novo: algumas anedotas

a respeito de sua vida, segundo a versão popular; factos do seu tempo de pescarias, certamente cheios das estroinices de rapazelho. As jovens de Séphoris e de Capharnaum, na Galiléia, eram criaturas tentadoras, com os seus labios de romã amadurecida. S. Pedro por certo diria algo de suas aventuras, ocorridas, está claro, antes da sua conversão á doutrina do Nazareno.

Não encontrei, porém, o chaveiro do céu. Nessa decepção, cheguei a supor que a região dos bemaventurados deveria ficar encravada em alguma cordilheira de nuvens inacessíveis. Tratava-se, certamente, de um recanto de maravilhas, onde todos os lugares tomariam denominações religiosas, na sua mais alta expressão simbólica: Praça das Almas Benditas, Avenida das Potencias Angelicas. No coração da cidade prodigiosa, em paços resplandecentes, Sta. Cecilia deveria tanger a sua harpa, acompanhando o côro das onze mil virgens, cantando ao som de harmonias deliciosas, para acalantar o sono das filhas de Aqueronte e da Noite, afim de que não viessem com as suas achas incandescentes e viboras malditas perturbar a paz dos que ali esqueciam os sofrimentos, em repouso beatifico. De vez em quando se organizariam, nessa região maravilhosa, solenidades e festas comemorativas dos mais importantes acontecimentos da Igreja. Os

papas desencarnados seriam os officiantes das missas e Te-Deums de grande gala, a que compareceriam todos os santos do calendario: S. Francisco Xavier, com o mesmo hábito esfarrapado com que andou pregando nas Indias; S. José, na sua indumentaria de serralheiro; S. Sebastião, na sua armadura de soldado romano; Sta. Clara, com o seu perfil lindo e severo de madona, sustentada pelas mãos minúsculas e inquietas dos arcanjos, como rosas de carne loura. As almas bem conceituadas representariam, nas galerias deslumbrantes, os santos que a Igreja inventou para o seu agiologio.

Mas... não me foi possível encontrar o céu.

Julguei então que os espiritas estavam mais acertados em seus pareceres. Deveria reencontrar os que haviam abandonado as suas carcassas na terra, continuando a mesma vida. Busquei relacionar-me com as falanges de brasileiros, emigrados no outro mundo. Idealizei a sociedade antiga, os patricios ilustres, aí refugiados, imaginando encontra-los em uma residência principesca, como a do Marquez de Abrantes, instalada na antiga chacara de Dona Carlota, em Botafogo, onde recebiam a mais fina flor da sociedade carioca das ultimas decadas do segundo imperio, cujas reuniões, compostas de fidalgos escravocratas da época, ofus-

cavam a simplicidade monacal dos Paços de S. Cristovão.

E pensei de mim para comigo: Os rabinos do Sinhedrio, que exararam a sentença condenatoria de Jseus Cristo, quererão saber as novidades de Hitler, na sua furia contra os Judeus. Os remanescentes do principe de Bismarck, que perderam a ultima guerra, desejariam saber qual a situação dos negocios franco-alemães. Contaria aos Israelitas a historia da esterilização e aos seguidores do illustre filho de Schoenhausen as questões do plebiscito do Sarre. Cada bemaventurado me viria fazer uma solicitação, ás quais eu atenderia com as habilidades de um porta-novas, acostumado aos prazeres maliciosos do boato.

Enganara-me, todavia. Ninguem se preocupava com a Terra, ou com as coisas da sua gente.

Tranquilizem-se, contudo, os que ficaram, porque, se não encontrei o Padre Eterno, com as suas longas barbas de neve, como se fossem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras catolicas, não vi tambem o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortavel, como a Casa dos Bernardelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades na Estiria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais desse casa-

rão do outro mundo as noticias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus in-folios. Nenhum relato havia, com respeito aos santos da côrte celestial, como eu os imaginava, nem alusões a Mefistofeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a historia do fruto proibido, a condenação dos anjos rebeldes, o decreto do diluvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos simbolos. Poucos factos relacionados com elas estavam naqueles documentos.

O nosso mundo é insignificante demais, pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me, porém, haver descoberto alguns amigos velhos, entre muitas caras novas.

Encontrei o Emilio, radicalmente transformado. Contudo, ás vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão, como recebia os amigos na Pascoal, para falar da vida alheia.

— “Ah ! filho — exclama sempre — ha momentos nos quais eu desejava descer no Rio, como o homem invisível de Wells, e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.”

E, na graça de quem, esvaziando copos, andou enchendo o tonel das Danaides, desfolha o caderno de sua anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais identica á da Terra. Novos habitos. Novas preocupações

e panoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a minha saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compendios do infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infancia. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me ás pressas, com a má vontade dos garotos incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da Mestra Sinhá, que me olha com indulgencia, através da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as letras na cartilha: — A B C... A B C D E...

Ah ! meus Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandecente nos livros da natureza. Faze-me novamente menino, para compreender a lição que me ensinas ! Sei hoje, relendo os capitulos da tua gloria; porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os máus, recebendo, numa atividade promiscua, os beneficios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferta para a tua grandeza ! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te

lembrares do misero pecador, que te contempla no teu doce misterio, como lampada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóes como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de assucenas. Então, Senhor, como já puzeste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lirio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.

27 de março de 1935.

CARTA AOS QUE FICARAM

No antigo Paço da Bôa Vista, nas audiencias dos sabados, quando recebia toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos máus tratos.

— “Ah ! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo !...”

O magnanimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadadas nas excrecencias dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas,